

MARCO TÚLIO COSTA

O PALHAÇO

ESTÁ EM

GREVE



junior

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MARCO TÚLIO COSTA

O PALHAÇO
ESTÁ EM
GREVE



GALERA
junior

Rio de Janeiro
2015



C874p

Costa, Marco Túlio , 1955-

O palhaço está em greve [recurso eletrônico] / Marco Túlio Costa; ilustrações Rafael Nobre. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10295-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Nobre, Rafael. II. Título.

15-18944

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Copyright © 2014 Marco Túlio Costa

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Ilustrações, projeto gráfico de miolo e capa:

Rafael Nobre | Babilonia Cultura Editorial

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10295-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos

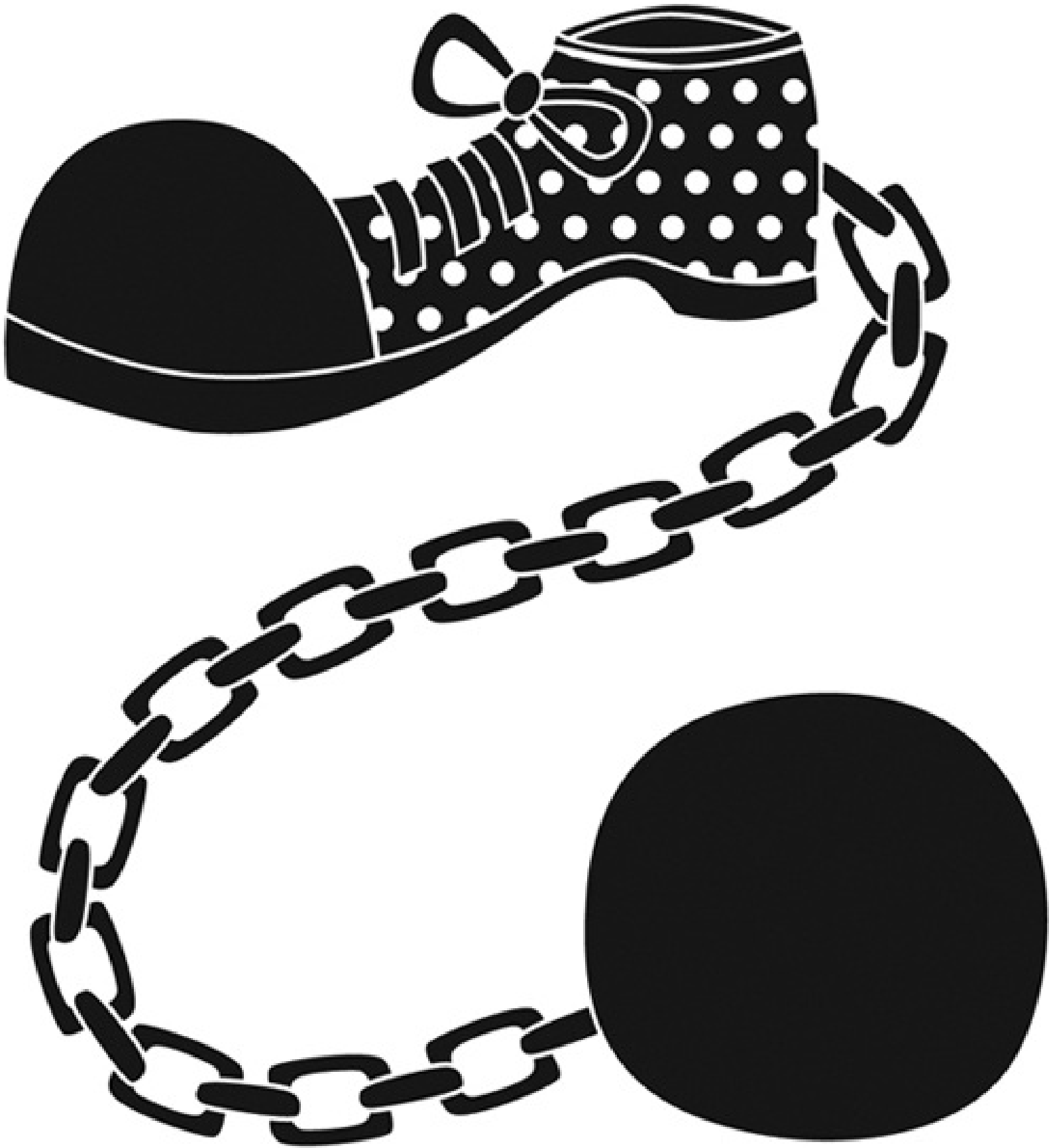
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



*Para Glícia Naira, minha filha,
e para José Reis Santos, velho amigo:
professores.*





1

A notícia do homem acorrentado às grades do Fórum da Justiça libertou o repórter da masmorra da preguiça. Em poucos minutos ele já descia do carro acompanhado do cinegrafista. Procuraram o melhor ângulo: no primeiro plano, o homem de roupas amarrotadas, barba por fazer, cara muito triste. As correntes mantinham seus braços abertos, elevados um pouco acima da linha dos ombros. Com o Fórum da Justiça em segundo plano, estava composta uma imagem dramática.

— Bom dia, senhor, sou da TV Realidade — apresentou-se o repórter, com um bloco de notas nas mãos.

O cinegrafista fez sinal de positivo. Recebeu instruções para captar alguns detalhes: as mãos, os pés, as grades, a cara triste, as bandeiras tremulando no alto dos mastros, as correntes e os cadeados. Enquanto isso, as informações eram anotadas no bloco.

— Qual é seu nome?

— José.

— Você tem um sobrenome?

— Claro que tenho.

A caneta atônita.

— Hilário. Zé Hilário.

— Hilário. Por que o senhor se acorrentou?

— Eu estou em greve.

— Por quê? Onde o senhor trabalha?

— No Circo Nacional. Eu sou o palhaço.

A caneta duvidou. A folha do bloco ficou lívida. O jovem repórter abriu um sorriso.

— O senhor é um palhaço... Eu não acredito!

— Risolito.

— Um palhaço! E se chama Hilário!

— Não, Risolito. Hilário sou eu. Risolito é o personagem que eu criei. E que graça tem isso? — questionou o homem triste, agora aborrecido.

O jovem havia farejado uma boa reportagem, uma curiosidade jornalística, uma história que tinha apelo emocional. Era matéria para o horário nobre! Sacou o telefone celular e passou a manchete do dia à redação.

— O palhaço está em greve! — anunciou, ajeitando a gravata e posicionando-se, já com o microfone sem fio na mão, para que o cinegrafista gravasse a chamada.

— Um momento! — disse o cinegrafista, chegando-se ao colega da TV Realidade e cochichando alguma coisa.

As palavras do cinegrafista surtiram efeito. O outro abriu um sorriso. Positivamente, a segunda-feira mais promissora do ano. O repórter voltou-se ao homem acorrentado.

— Escute, se o senhor é palhaço, não seria melhor fazer a maquiagem? Colocar a peruca laranja, o chapéu-coco, o nariz vermelho. Tudo?

O homem acorrentado firmou-se sobre os pés. Ergueu os ombros, o queixo, o nariz. Respirou fundo.

— Nada disso.

— Por que não? — insistiu o repórter.

— Porque eu quero que as pessoas me levem a sério. Minha história não tem graça nenhuma. O palhaço aqui está em greve!



2

O rosto do homem triste está no meio da tela. Está na padaria entre pães e bolos. Está nos magazines entre ofertas da estação, nas copas e salas entre conversas familiares. Está no saguão de entrada dos condomínios, sob o olhar de porteiros. Nas salas de espera dos hospitais, prenunciando emergências. Está entre as gôndolas dos supermercados, entre anúncios de ocasião. Acima das esteiras das academias, tirando o fôlego de quem se esforça por prazer. A cara do homem triste compadece a casa simples, intriga o apê duplex.

Enquanto o repórter prepara sua entrevista, os seguranças do Fórum da Justiça, incomodados com a aglomeração que se vai formando, chamam a polícia. Quando aparece o juiz da comarca, correm para lhe dar informações sobre aquele embaraço.

— Tem a ver com o resultado de alguma decisão da Justiça? — Ele pergunta aos guardas.

— Não, meritíssimo.

— O homem protesta por causa da demora abusiva de algum processo? Olhe que estamos atolados até o pescoço, só tem eu aqui nesta comarca enorme, um deus nos acuda — pergunta e justifica-se ao mesmo tempo.

— Não, meritíssimo.

Então o magistrado dá de ombros: se a questão não é com a Justiça, que fique por lá o sujeito.

— Estamos em um país livre. Um palhaço pode fazer a palhaçada que quiser, desde que não faça graça com a lei.

Após o intervalo comercial, os apresentadores anunciam o fato inusitado e o jovem repórter aparece em meio plano, que se abre à medida que ele fala, até revelar ao fundo o homem triste acorrentado.

— Hoje pela manhã, este homem se acorrentou às grades do Fórum da Justiça. Chama-se José Hilário. Ele se apresentou como o palhaço do Circo Nacional. Vamos saber por que ele tomou essa decisão dramática. O que o senhor está fazendo aqui?

O microfone vem até o rosto do homem triste. Foi um movimento combinado entre o cinegrafista e o repórter. No enquadramento, a espuma vermelha do microfone substitui o grande nariz vermelho de sua fantasia. Ele diz:

— Eu estou em greve.

— Por quê? — pergunta o repórter.

— Porque não tem graça ser palhaço no Circo Nacional.

— O que o senhor quer dizer com isso? As piadas estão ultrapassadas? O público é muito frio e não interage com o senhor?

— Estou dizendo que a gente paga muito caro pra fazer a alegria de poucos.

— Tem pouca gente assistindo aos espetáculos? — torna o repórter.

O homem triste fica sério.

— Fazer a alegria dos poucos que mandam no Circo Nacional, eu quis dizer. O público, ao contrário, é sempre numeroso.

— Então, conte aos nossos telespectadores o que o levou a entrar em greve — pede o repórter, colocando o microfone ainda mais perto da boca de José Hilário.

O cinegrafista vai fechando a imagem, até enquadrar só a cara do entrevistado.

3

Eu sou o palhaço. Meu nome artístico é Risolito. Tenho mulher e três filhos e estou no Circo Nacional desde que me entendo por gente. Como palhaço, eu trabalho faz uns dez anos.

Aos nove anos de idade fiquei órfão de pai e mãe e fui adotado pelas ruas. Quando o circo chegou à cidade onde eu morava, os artistas fizeram uma animada parada anunciando o espetáculo. Foi aí que um sujeito com um megafone nas mãos, trajando belo terno e cartola preta na cabeça, notou que eu acompanhava o cortejo pela cidade inteira. Perguntou-me se eu queria fazer um bico. Aceitei. Em troca de um ingresso, distribuí panfletos de porta em porta noticiando a grande estreia do Circo Nacional. Gostei do trabalho, porque minha vida era mesmo perambular pelas ruas o dia todo, sem remuneração.



GRANDE ESTREIA DO



CIRCO

NACIONAL



Quando o circo levantou acampamento, eu fui junto. Na cidade seguinte, já acumulava três funções. Distribuía panfletos, vendia pipoca no tabuleiro durante os espetáculos, dava água para os animais depois que tudo terminava.

Eu me considerava um privilegiado, porque batia perna pelas ruas das cidades, ia todos os dias ao circo e ainda recebia pouso e comida de graça. Catar cocô de elefante e de outros bichos era o osso do meu ofício.

De lugar em lugar eu ia aprendendo umas coisas novas. Quando dei por mim, trabalhava de contrarregra, retirando e colocando os elementos no picadeiro, cada aparelho no ponto certo. Corria e suava para que o malabarista, o contorcionista, o mágico, o equilibrista, o cuspidor de fogo, o domador de feras, o amestrador de macacos, os trapezistas, todos eles se apresentassem e recebessem as palmas.

Mas o que me encantava no circo era o palhaço Chulipa. Ele se tornou um pai para mim. Era um homem muito simples. Vivia sorrindo, e qualquer coisa o deixava satisfeito. Repetia em cada situação o lema “a gente ganha pouco, mas se diverte”. Ria e fazia rir.

Vi os dias, semanas, meses e anos passarem pelo picadeiro. No trailer do Chulipa, eu dormia no meio de perucas, de suas fantasias coloridas. Acordava todos os dias e me olhava no espelho cheio de luzes, de estojos de maquiagem.

Foi assim que peguei o hábito de me enxergar com cara de palhaço, imitando Chulipa nos seus gracejos. Eu decorava os esquetes com facilidade e ensaiava com ele. Acabou que, um dia, formamos uma dupla hilariante: Chulipa e Risolito.

Com o tempo, comecei a sugerir umas gracinhas, uns tombos, umas trapalhadas. Criei umas piadas de que todos achavam graça. E chegou um dia em que a dupla virou Risolito e Chulipa.

Parece que isso foi uma senha: Chulipa dependurou o nariz vermelho. “Você agora é dupla de um”, ele brincou com a malinha na mão. Despediu-se dizendo que queria se aposentar e morar em um lugar que não tivesse rodas. “A gente ganha pouco, mas se diverte”, foi o que consegui dizer, no tempo de um abraço, roubando-lhe a fala.

Chulipa não estava maquiado, nem levava suas fantasias. Era o próprio dia que usava sombras cinzas nos olhos. E chorava uma chuva bem fininha.

No circo, conheci a mulher-gorila. La Konga não me deu atenção, até que tirei a maquiagem e jurei sérias intenções. Ela aceitou as flores e dispensou a penca de bananas, despindo-se da fantasia peluda. Chamava-se Bígina. Minha paixão aprendeu aquele truque de espelhos. Eu sempre a via bela. E nos casamos três cidades mais tarde.



Desde então, eu repetia para minha esposa o que Chulipa me ensinara: “no Circo Nacional a gente ganha pouco, mas se diverte”. E fazia cafunés e cócegas no humor de minha mulher, que me retribuía com micagens gozadas. A vida era muito simples.

Até que veio o primeiro híbrido de La Konga e Risolito. Eu o chamava de Kongolito. E o menino era um fenomenal bebedor de leite e uma espécie de recordista mundial de fraldas sujas. “Rapazinho, você parece afilhado do elefante”, eu gracejava.

Mas, aos poucos deixei de repetir que a gente ganhava pouco, mas se divertia. “A gente ganha pouco”, eu me convenci, com a concordância de La Konga.

Nosso segundo filho, Risolongo, surpreendeu. Bateu todos os recordes do primeiro em consumo de leite e na produção de fraldas sujas. “Este puxou mais a você”, eu dizia, com a discordância de La Konga.

Foi contemplando meus filhos — um que engatinhava e outro enrolado nos cueiros — que tratei de imaginar meios para sustentar minha família.

Nesse tempo eu já divulgava o espetáculo pelas ruas, tomava conta do carrinho de pipocas do lado de fora, fazia contrarregra até a metade do show, transformava-me em Risolito, matava todo

mundo de rir, depois limpava o picadeiro. Voltava exausto para o trailer. De tão cansado, nem conseguia ficar triste com a nossa situação. Minha mulher chegava mais tarde, porque ajudava na contrarregra, era a La Konga e, no final, ficava presa no alvo para o número do atirador de facas.

Quando chegou nossa filhotinha, uma linda La Konguita, o mais velho já dava uma mãozinha tirando cocô de bicho do picadeiro.

Foi aí que resolvi procurar os meus colegas.



5

Procurei o amestrador de macacos. Chamava-se Darwin. Ele fazia um número com um chimpanzé que usava um terno de tecido brilhante, assemelhado ao luar, e dois macacos-aranhas que trajavam casaquinhos vermelhos. O chimpanzé foi quem abriu a porta para eu entrar. Sentou-se à mesa ao lado do dono. Tomava um mingau, o chimpanzé, enquanto o dono penteava os macacos.

— Darwin, o dinheiro não está dando para nada. Vejo tanta gente na plateia, todas as apresentações estão lotadas, incluindo as matinês de domingo.

— Pois é — concordou, sem tirar os olhos do que fazia.

— Você não acha que deveríamos ganhar um pouco mais?

Darwin tirou alguns pelos do pente, passou a pentear o segundo macaquinho. Penso que balançou a cabeça, concordando comigo. Porém completou:

— Mas acho que evoluímos bem, já estamos ganhando mais.

— Evoluímos? Desde quando estamos ganhando mais?

— Acho que não se pode criar um aumento assim, pluft, do nada — insistiu, fazendo círculos com o pente, acima da cabeça do segundo macaco-aranha.

Permaneci calado, esperando que ele me explicasse aquele fenômeno. Mas ele só queria saber de sua ocupação.

— Darwin, quanto estamos ganhando a mais? Se eu tivesse uma prova científica, assim, nem que o aumento fosse um litro de leite, eu botaria fé na sua teoria.

Ele me olhou, balançou novamente a cabeça, apontou-me o pente.

— Sim, Macaquito...

— Risolito — corriji.

— Sim, Risolito. A gente notaria. Mas creio que são os descontos. Os malditos descontos.

Olhei para o chimpanzé que tomava mingau fazendo barulho. Ele me estendeu a colher. Agradei e voltei ao assunto com o amestrador.

— Darwin, eu quero ser mico de circo se você conseguir me explicar que evolução houve nos meus vencimentos. Na verdade, tudo que eu ganho some. Parece uma mágica maldita.

— Ah, então você percebeu, finalmente. É mágica!

Desisti. Olhei novamente para o chimpanzé, esperando dele, talvez, uma explicação melhor. O mingau estava mais interessante que minha conversa.

— Macacos me mordam, Darwin. Como você consegue alimentar seus animais com o que você ganha aqui?

O amestrador não pareceu gostar de minha pergunta. Talvez eu tivesse invadido a privacidade de seu lar, enfim. Ele deixou o pente sobre a mesa. Fez um sinal aos dois macaquinhos para que se recolhessem.

— Eles não gastam tantas fraldas. Talvez você devesse controlar a mulher-gorila.

Foi a minha vez de perder as rédeas das palavras. Afinal, o que a minha mulher, a minha família, tinha em comum com aquela situação?

— Com mil macacos, Darwin! Estou buscando o seu apoio! Nós precisamos receber uma remuneração justa. Não sei que desconto, que mágica faz desaparecer o que eu ganho. Estou pensando em todos nós. Não importa se gasto muitas fraldas e você muitas pencas de banana!

— O que você está pensando, palhaço?

Olhei-o bem no fundo dos olhos. Ele me chamara de palhaço. Estaria se referindo a Risolito?

— Se bem me lembro, você estava feliz havia poucos anos. Foi você quem criou os problemas que tem hoje: você se casou, você teve um primeiro filho, um segundo filho, uma terceira filha... Quantos mais ainda vai ter? E os outros é que têm que resolver os seus problemas? Devia ter planejado melhor a sua vida.

Eu estava lá, estático, ouvindo aquele sermão.

— Darwin, vá pentear macacos, eu estou indo embora.

O chimpanzé veio me trazer até a porta. Quando acabei de descer os degraus do trailer, ele me deu uma banana com os braços.

— Esse bicho está evoluindo para um humano muito malcriado.



6

Bati à porta do malabarista. Malaquias era chamado o Homem-Polvo, pois seus braços ágeis pareciam se multiplicar no controle dos objetos. Entrei no seu trailer e ele me recebeu enquanto praticava seu ofício com as coisas mais estranhas. Suava em bicas e me escutava, sem tirar os olhos dos objetos que faziam uma parábola no ar, passando de um lado para o outro.

— Estive conversando com o amestrador de macacos, mas paguei o maior mico. Ele nem quis saber de conversa.

— O que foi, Palhacito?

— Risolito. Meu nome é Risolito.

— Ah, sempre confundo os palhaços... são as preocupações — justificou-se.

— É sobre isso que vim conversar: as preocupações.

— Vou me virando... — respondeu ele.

— Mas a vida poderia ser melhor para todos — insisti.

— Se eu me livrasse de pelo menos dois destes problemas aqui... — concordou ele, fazendo um movimento com o queixo, indicando-me as coisas que manipulava.

Então me fixei nos objetos que orbitavam as preocupações de Malaquias: um pacote de café, um pacote de feijão, um maço de cigarros, um maço de papéis amarrados com barbante, um carnê de crediário em loja, um prato fundo, um porta-retratos, uma xícara de louça branca, um pinguim de geladeira.

— Mas o que é isso?! — balbuciei.

— Sabe como é, vou equilibrando minhas contas, tentando me livrar do vício, vendendo o almoço para pagar a janta e morrendo de saudades da família.

Sentei-me. Vi em Malaquias meu próprio drama.

— Nosso dinheiro não dá para nada. Darwin disse que são os impostos e taxas.

— Certamente que sim — tornou o outro.

— Temos que fazer alguma coisa a respeito. Diminuir o tamanho da mordida...

Ele balançou a cabeça, creio que concordando novamente comigo.

— Sim, a mordida é grande. E é todo dia.

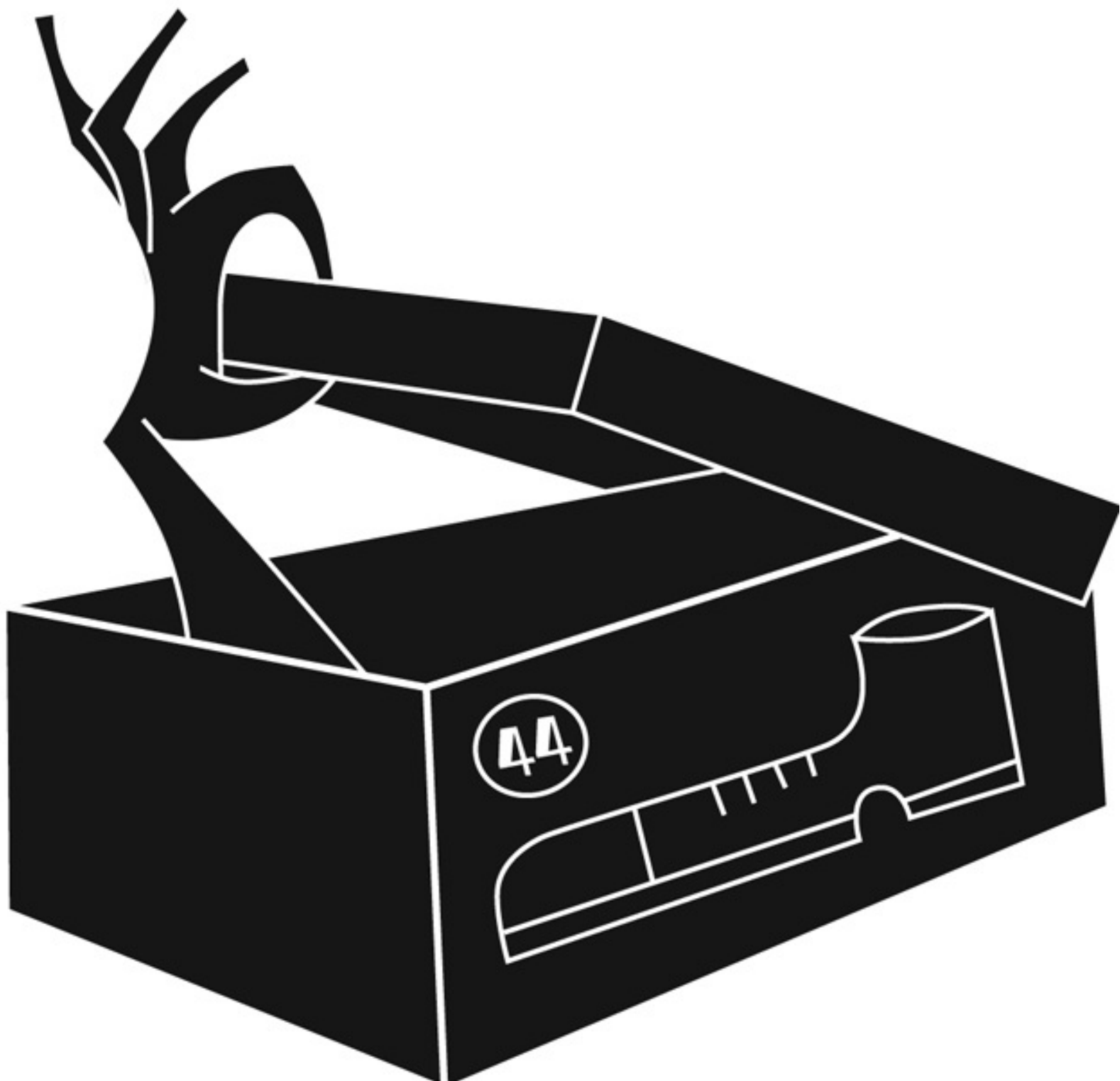
— Darwin disse que se eu compreendesse a mágica, me conformaria.

— Sim, é uma mágica... ruim, mas é mágica.

— E também é uma mordida — concluí. — O que podemos fazer para acabar com isso?

— Olha, Risolito, vou controlando minhas coisas. Não vou me meter nisso, porque, sem as taxas, a lona do Circo Nacional cai sobre as nossas cabeças. Sabe como é...

Saí meio zozzo depois de ver tanto malabarismo do Homem-Polvo com as palavras, para não me dizer nada.



Fui encontrar o contorcionista dentro de uma caixa de sapatos — número 44, por ser mais confortável — depois de procurá-lo por algum tempo em sua barraca. Era conhecido como Homem-Goma-de-Mascar. Chamava-se Edmar Apior.

— O que você está fazendo aí? Hora extra? — perguntei, fazendo graça, vício de ofício.

— Na verdade estou me escondendo — disse tão baixo que me abaixei para ouvi-lo.

— Se escondendo de quem? — perguntei, no mesmo nível.

— Ando me desdobrando, faço das tripas coração, mas não consigo pagar meus devedores.

Comprei esta barraca, dois quartos, sala, varanda e banheiro privativo, em 150 prestações, mas não consigo manter meus débitos em dia.

Suspirei, ao encontrar mais um na mesma situação.

— É justamente sobre isso que vim conversar com você, Edmar.

O Homem-Goma-de-Mascar veio saindo do esconderijo, aos poucos. Sentou-se ao meu lado, no chão.

— Que bom, Pirulito, você vai me emprestar um dinheirinho?

— É Ri-so-li-to. E não tenho dinheiro! Também estou quebrado, como você!

— Então, sobre o que é mesmo o assunto? Estou me arriscando, fora do meu esconderijo.

— Todos estamos nesta situação. Pelo que vejo, o amestrador de macacos, o malabarista, você...

cada um está sofrendo calado e no seu próprio canto.

O outro suspirou.

— Nem me fale. Com muito jogo de cintura, consegui pagar os mantimentos, mas os impostos, esses impostos famintos, me devoraram a metade do salário, antes da primeira quinzena. É como se eu tivesse uma ninhada de filhos!

Olhei em volta.

— E onde estão as crianças?

— O menor está vendendo jujuba em semáforo. O do meio está limpando vidro de carros, no semáforo. O mais velho está...

— Nem me fale. Isso tudo está muito errado. Eles deveriam estar em uma escola, ou não?

— Eles estão se virando, puxaram ao pai — disse o contorcionista.

— Alguém me disse que o pouco que a gente tem desaparece num passe de mágica. E outro disse que a mordida é que é grande.

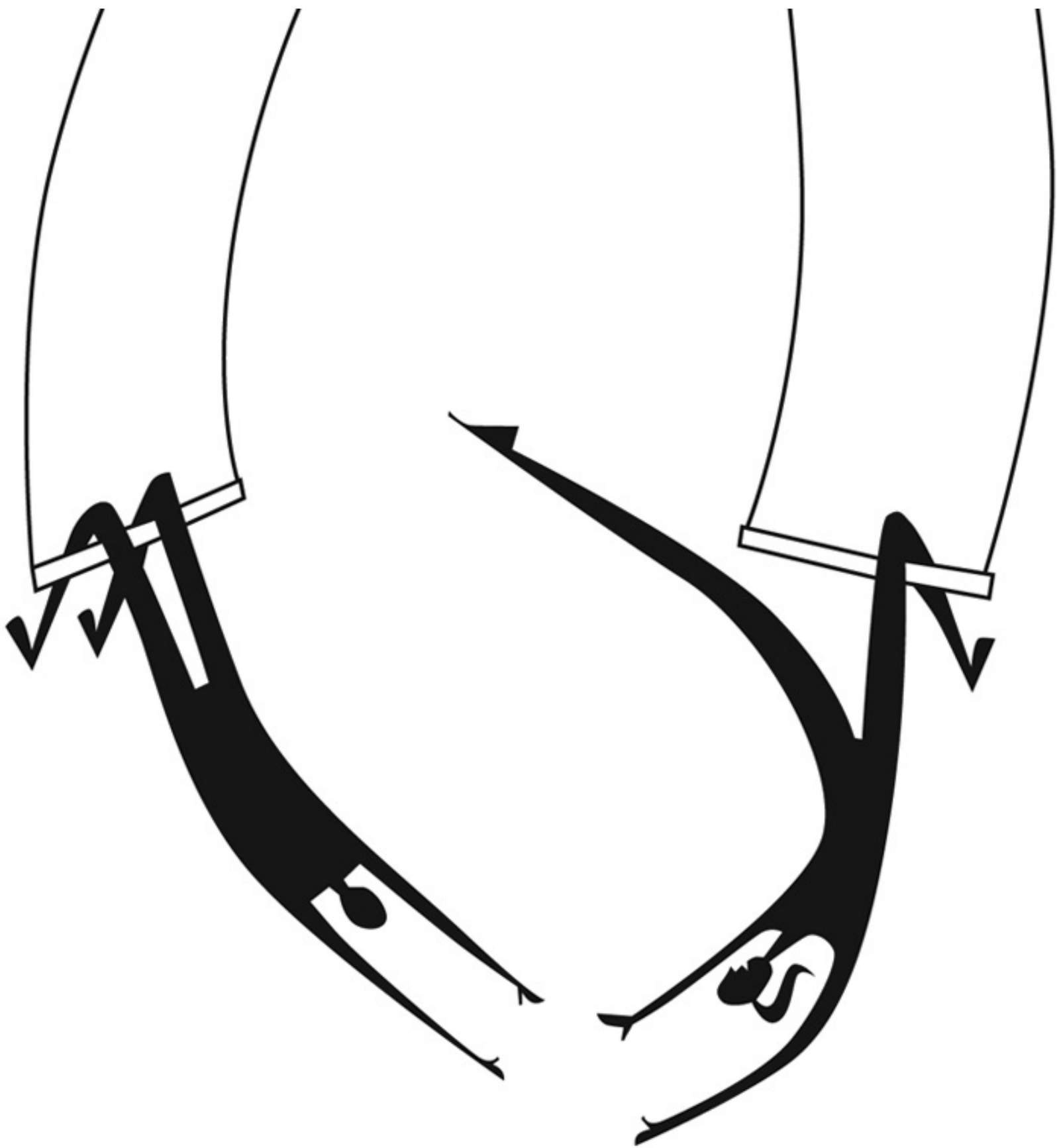
— Eu dou razão aos dois. Os impostos são um leão faminto. E as mordidas são mágicas de desaparecimento. E por falar em desaparecimento, vou indo — disse o contorcionista, voltando para a caixa de sapatos.

Fiquei falando sozinho.

Quando saí, um sujeito com cara de limão me perguntou se eu era o contorcionista. Apontei-lhe minha cara de palhaço.

— Eu me aperto e me desdubro todo mês para pagar minhas contas. Mas aqui sou o palhaço.

O cobrador ficou plantado à porta da barraca, enquanto eu seguia atrás do casal de trapezistas.



8

Encontrei o casal de trapezistas ensaiando um número no picadeiro. Sentei-me na primeira fila das arquibancadas para apreciar os exercícios que executavam. Atiravam-se corajosamente no vácuo, de um trapézio ao outro, ora ambos em um mesmo aparelho, ora cada um no seu, em sentido inverso. Quando percebi, uma sensação diferente fazia par comigo. É que eu os via todos os dias lá, nas alturas, mas jamais havia reparado em suas vidas aqui no chão.

Bárbara e Jacinto Souto fazem muito sucesso nos trapézios. Ele a chamava de Princesa das Nuvens, quando ela vinha fazendo mortais em sua direção. Ela o chamava de Cavaleiro da Lua, quando ele surgia dentre as luzes mais altas, próximas da lona do circo, desenhando um arco perfeito para segurá-la com firmeza, até pousarem na plataforma, em um dos mastros.

— Imagine agora, minha doce Princesa das Nuvens, que estamos caminhando sobre cúmulos-nimbos, no jardim de nosso castelo encantado!

A trapezista girava em múltiplos mortais, quase me fazendo esquecer que estava em um trapézio. E convidava seu Cavaleiro da Lua para vir brincar com ela de escorregar no arco-íris.

Fiquei tão constrangido com o mundo daqueles dois que me levantei e saí. Não seria possível conversar com o casal naquele momento. Talvez lhes tirasse a concentração, sei lá, se aquele negócio de se imaginar nas nuvens era uma maneira de se manterem seguros, acima da serragem do picadeiro.

Fui até a barraca dos dois. Planejava esperá-los, quando vi que à porta se acumulava um grande número de correspondências. Eu me agachei e comecei a juntar os envelopes. Não eram cartas de parentes ou de admiradores. Apenas cobranças de cartões de crédito e mala direta de magazines, lojas de departamento e panfletos de supermercados.

Para passar o tempo, fui colocando as cartas em um monte bem-arrumado, à frente da barraca, formando uma espécie de castelo de cartas, um altar do consumismo, melhor dizendo. Ofertas formando paredes e telhado, cobranças na base.

Admirei minha obra por alguns instantes. Um pé de vento deu uma rasteira em minha distração. Derrubou a montagem. Suspirei e desisti da conversa. Saí entristecido daquele lugar.



— Você acredita em horóscopo? — perguntou-me o equilibrista, que se chamava Caio Calado.

— Não... — respondi, surpreso pela pergunta.

Ele dobrou o jornal, deixou-o sobre a mesa de centro, fez sinal para que eu me sentasse. Havia uma poltrona surrada a um canto.

— Sou de Libra — disse-me ele. — O signo da balança, das pessoas equilibradas.

— Pois eu me sinto um peixe fora do aquário: sufocado.

— Que seja... — tornou o equilibrista, sem dizer muito.

Ficamos sentados, calados por alguns instantes. Ele me fitava interessado, parecia fazer uma mapa astral. Deve ter lido meu descontentamento, minhas preocupações. Fez um muxoxo e resolveu falar:

— O segredo é o equilíbrio. Yin e Yang. Crédito e débito. Se tenho xis, pra que vou me meter a gastar ípsilon?

Suspirei.

— Vamos dizer que minha barriga precise de ípsilon — tornei, olhando-o nos olhos.

Ele tremeu levemente uma das pálpebras.

— Um homem não pode ser governado pelo estômago. O cérebro comanda — ensinou, martelando o indicador na têmpora.

— Caio, você me surpreende. Fala de horóscopo, um místico; e também de controle de contas, como o gerente de um banco, um calculista!

— Yin e Yang, não há nada de contraditório. Nós somos humanos, temos que procurar o equilíbrio — filosofou.

— Neste Circo Nacional, ou o sujeito vive nas nuvens ou com a cara enfiada no pó do picadeiro. Por acaso você não passa por dificuldades? Veja que o dono do circo vem nos cobrando impostos e taxas que não podemos suportar.

— Ora, Pimbolito!

— Sou o palhaço Ri-so-li-to.

— Que seja. Eu vivo na corda bamba, é verdade. Pago a taxa sobre a Lei da Gravidade, como os trapezistas. Por isso sei bem como preciso me controlar.

— Taxa sobre a Lei da Gravidade?

— Evidente! — disse ele, surpreso com minha admiração. — Pois não é a gravidade que torna tudo interessante para trapezistas, malabaristas e equilibristas?

— E daí? — balbuciei, ainda atônito.

— É justa. Salgada, porém necessária. O segredo é o equilíbrio.

— Isso eu já entendi — respondi, rosnando de irritação. — E que tipo de taxas e impostos um palhaço paga no Circo Nacional?

O equilibrista riu alto. Não por achar graça. Ria da minha ignorância, que tinha um nariz mais vermelho que o meu.

— Está vendo? Se você soubesse o que paga, não estaria tão desorientado. Um palhaço, pelo que entendo, paga o imposto sobre a plateia, como todos nós. Depois há uma taxa sobre gargalhadas, uma cobrança de licenciamento ambiental por causa da poluição sonora, autorização para uso de roupas largas, multa sobre excesso de tamanho dos sapatos... coisas assim. Você deveria ler as letras pequenas do seu contrato.

— Isso só pode ser uma piada! — gritei, sem achar graça no que estava ouvindo.

— Está vendo? Falta-lhe equilíbrio. Você chama de piada uma coisa séria como esta.

Saí vermelho de raiva. E, como não conseguia engolir aquele sapo, aproveitei e fui falar com o engolidor de fogo.

10

Flamínio Tostado, o Homem-Dragão, discutia com um entregador. Reclamava do preço do extintor de incêndio. O rapaz se foi e deixou o engolidor de fogo soltando fumaça pelas ventas. Ainda à porta da Kombi onde ele morava, tentei explicar a razão de minha visita, mas ele mal conseguia ouvir o que eu dizia.

Enfim, acho que o sapo que ele teve que engolir já estava devidamente flambado. Flamínio Tostado me fez um sinal com a cabeça. Eu o segui. Entramos na Kombi onde ele morava. Tinha aqui e ali um sinal de queimado e muitos remendos. Ele colocou o extintor em um canto, junto de outros de tamanhos variados.

— Uns não querem se meter. Outros vivem nas nuvens. Outros já estão com a vida tão enrolada que não são capazes de reagir. Os impostos, taxas, licenças, autorizações, alvarás...

— Eu que o diga. Se não pago a taxa de incêndio, o circo pega fogo pro meu lado... — lamentou-se o Homem-Dragão.

— Você acredita no que fez o dono do circo, o senhor Lucrécio Goldwin? Ele descobriu que o contorcionista estava se escondendo dos credores dentro de uma caixa de sapatos. Por isso, criou o ITEC, imposto territorial sobre esconderijos circenses, um tipo de micro-IPTU — relatei, enquanto nos ajeitávamos em dois banquinhos, um de frente para o outro.

— Ele sempre sabe como nos achar, na hora de cobrar a parte do leão — rosou o engolidor de fogo, cuspidando uma chamazinha que chamoscou a margarida no topo de meu chapéu-coco.

— Parte do leão? — perguntei, fingindo naturalidade.

— É, o leão. Ele diz que o leão é faminto. E exigente. Só come carne de primeira.

— Ora, ora. Então eu me mato para receber uma “viva” do povo e quem passa bem é o leão na jaula. Sim, senhor! — comentei com os meus botões, um verde, um amarelo e outro vermelho, que enfeitavam minha camisa espalhafatosa.

Pensei comigo: Caio Calado, o equilibrista, tinha razão em uma coisa: a gente vive sem saber que está pagando a conta dos outros.

— E o que você está pensando em fazer? Desde que este circo é circo, quem come carne aqui é o leão. A gente rói os ossos. O meu pedaço, prefiro levemente flambado.

— Mas isso não está certo. Eu faço o público rir, você causa espanto, o casal de trapezistas, o contorcionista e o malabarista deslumbram! Todos nós deixamos a assistência encantada. Transformamos cada sessão em um momento especial da vida das pessoas! O que seria do Circo Nacional sem o nosso talento?

— Você está certo. Me dá até queimação no estômago de tanta revolta.

— Então, você vem comigo falar com o senhor Lucrécio Goldwin?

— Não, não. Não é uma boa hora. Minha mulher está esperando...

— Sua mulher está esperando outro filho?

Ele me fitou com impaciência.

— Não, palhaço. Minha mulher está esperando um isqueiro! Mas que lerdo, você!

Caí na gargalhada.

— Gostei da piada! — disse. — E, quando ele crescer, vai ser um lança-chamas!

Flamínio Tostado viu que não me incomodei com o mau humor dele.

— Ah, desculpe-me, Churrasquito, ando muito esquentado.

— Risolito. Churrasquito, não. Ri-so-li-to.

— Ah... Se você se chamasse Churrasquito, até poderíamos fazer um número juntos, que tal?

— Churrasquito?

— Sim.

— Você já ouviu falar de algum palhaço no mundo chamado Churrasquito? — perguntei, vermelho de raiva.

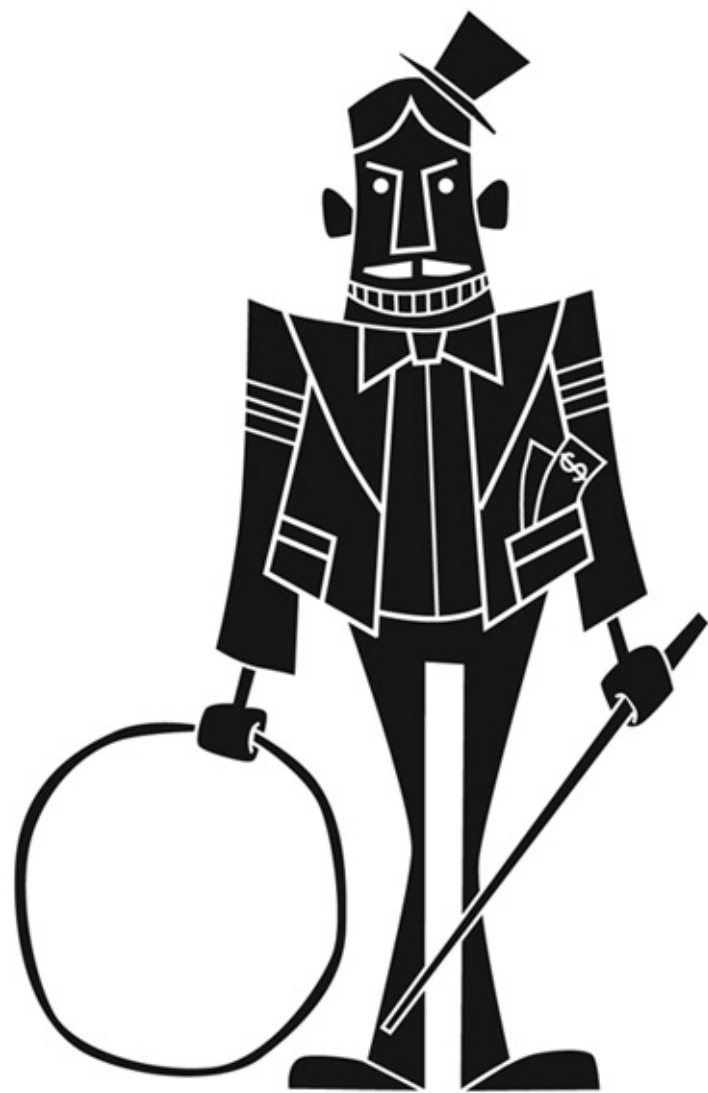
— Eh, calma, calma! O esquentado aqui sou eu — respondeu o flamívomo.

Ficamos calados. Aí, rimos juntos.

— Tudo bem, a piada foi boa. Então, você não vem? — perguntei, já me levantando do banco.

— Nem vou acompanhar você até a porta do nosso patrão, porque sou assim, pavio curto. Posso queimar meu filme com o proprietário, por conta de alguma besteira... Nesta situação, a patroa esperando nosso primeiro isqueirinho... Preciso deste emprego. Você me entende?

Bom, pelo menos o Homem-Dragão me pôs fogo, apoiando minha iniciativa.



11

Como eu disse, minha história não é para ser engraçada, porque descobri muitas coisas tristes sobre o Circo Nacional. Vi como todos estavam se virando, se apertando, esquentando a cabeça com o salário curto. E também entendi que enquanto uns estão muito mal, outros vão muito bem, obrigado.

Foi como encontrei Leônidas Máximo, o domador de feras. Um sujeito de poucas palavras e chicote que falava alto. Cada chicotada, era um bicho que saltava por dentro de um arco em chamas, que subia em banquetas, que se equilibrava em bolas. E seu número chegava ao ápice quando ele entrava na jaula do leão e enfiava a cabeça dentro da boca do rei das selvas. Quanta coragem!

Leônidas Máximo viajava em um trailer especial, com suíte, duas salas, uma cozinha bem fornida, e tinha meia dúzia de subalternos, que ele tratava com um chicote invisível de desprezo. “Faz isto, faz aquilo!” Acho que não diferenciava as feras dos ajudantes que viviam fora das jaulas. Depois de conhecê-lo, fiquei matutando: por que ele tinha tanto e eu tão pouco? Faltava-me um chicote, foi a primeira teoria que desenvolvi a respeito.

Outro que tinha arrumado a vida no Circo Nacional era Firmino Álvaro, o atirador de facas. Seu número mais arriscado — arriscado para a ajudante, minha mulher, que ficava amarrada no centro do alvo, que isso fique bem entendido — era apresentado ao rufar de tambores. Primeiro ele atirava as facas com Bígina estática... gelada de medo, melhor dizendo. Depois, o alvo girava no eixo, e ele ainda fazia charme nesse número de roleta-russa, arremessando de costas a última faca. Uau! Nem tentem fazer isso em casa, pelo amor de Deus! Por incomparável destreza, vivia em uma barraca diferenciada, tinha até porteiro.

Eu pensava que esses dois tinham se dado bem até conhecer por dentro o lugar onde o mágico morava. Aquilo, sim, era mordomia. Fortunato Medalha tinha um ônibus com ar-condicionado todinho para ele. Sala com televisão de 42 polegadas, suíte com frigobar e banheira de hidromassagem. Um luxo. Um sujeito que tinha lá suas cartas na manga com o dono do circo, era o que eu desconfiava.

E, dessa minha pesquisa, concluí que o Circo Nacional estava dividido em dois. Nós e os outros. Mas não era a mesma lona cobrindo a todos?



12

Então resolvi bater à porta do dono do circo, o respeitável senhor Lucrécio Goldwin. Na verdade, bati meu nariz de palhaço em muitas portas. O patrão vivia em uma espécie de mansão sobre rodas. Uma carreta articulada. Era uma porta atrás da outra, cada qual guardada por uma secretária executiva e um segurança que executava os inoportunos. Levei nessa jornada uns dois meses. Até que minha obstinação girou a maçaneta do escritório particular do nosso patrão.

— Risolito! — saudou-me, com surpreendente vivacidade.

Eu achei a maior graça. Logo ele, o único no circo que não errara meu nome. Não só o meu, mas perguntou por La Konga, minha mulher, pelos meus filhos, citando de cada um o nome e sobrenome. “Uau!”, pensei. “Ele se preocupa com sua gente.”

O senhor Lucrécio Goldwin estava lá trabalhando exaustivamente em outro imposto, como explicou, para tentar equilibrar as coisas. Parecia Caio Calado falando sobre Yin e Yang, mas ele se referia mesmo ao imposto sobre dupla carga de trabalho.

— O que você acha, Risolito?

Fiquei muito encabulado com a pergunta. Ele é quem sabia dessas coisas, leis, decretos, normas e não sei mais o quê. Eu só entendia de trabalhar em um, dois, três empregos diferentes no Circo Nacional.

— Não entendo de leis. Só espero que sejam justas — opinei, ainda titubeante.

— Justamente, essa é a grande preocupação. Para que o Circo Nacional funcione, tudo precisa estar muito justo... menos o colarinho do palhaço! — disse, disparando uma risada.

Não sei se entendi a piada. Mas ele ria da minha cara.

— Por que cobrar dobrado de quem se desdobra pelo Circo Nacional? — insisti.

— Você já conversou com o leão?

— Com o leão? Como assim? — perguntei.

— Sei que você tem conversado com todos os integrantes do Circo Nacional. Mas não conversou com o leão.

Havia algo de misterioso no tom de voz do senhor Lucrécio Goldwin. Eu sentia a ironia, percebia uma luz maquiavélica em seu olhar firme.

— Como todos estão se desdobrando, o leão também está trabalhando em dobro. Sabe como é, o apetite aumenta. E precisa comer mais. Simples!

Tinha lógica o argumento do dono do circo. Cocei minha careca.

— Mas, senhor Lucrécio Goldwin, se o senhor tivesse que trabalhar dobrado como nós... olha, minha mulher, além de ser La Konga, faz bico como alvo do atirador de facas! E nem recebe o seguro-periculosidade.

— Claro que não, ele é um especialista. Não há risco. Perigoso seria se ela atirasse facas e ele ficasse no alvo! — respondeu, dando outra gargalhada.

Entendi que ele tinha suas próprias piadas. Talvez nem precisasse de um palhaço como eu. Senti-me humilhado.

— Coragem, Risolito! Pense positivo. A vida vai melhorar. Você tem exemplos no Circo Nacional!

— disse, percebendo meu estado de espírito, dando-me um tapinha nas costas.

— Está se referindo a quem?

— Fortunato Medalha, por exemplo. Ele é o mágico e trabalha na bilheteria do circo! Dupla jornada, também terá os impostos dobrados...

— Então o Fortunato Medalha é o cara da bilheteria? — perguntei, surpreso com minha falta de perspicácia.

Em tantos anos, não havia ligado uma figura tão parda, enfiada em um cubículo obscuro, à outra tão eminente, que transmutava lenços coloridos em pombos sob as luzes da ribalta.

— E o domador de feras é nosso chefe da segurança — continuou o patrão.

— Segurança? Então Leônidas Máximo deveria impedir que estranhos entrassem no acampamento do Circo Nacional e furtassem nossas coisas. Deveria cuidar da manutenção dos aparelhos...

— A segurança do dinheiro da bilheteria, Risolito.

— Ah...

— Pagar pela segurança de todas, todas, todas as barracas seria muito caro. Vocês não iriam gostar de um aumento na taxa sobre segurança.

— Sou obrigado a concordar — respondi, enquanto ele gentilmente me empurrava pela porta de saída.

— Como você percebeu, Risolito, eu me preocupo muito com a família do Circo Nacional.



13

A reunião com o senhor Lucrécio Goldwin foi muito instrutiva. Frustrante, mas instrutiva. Ele é o todo-poderoso do Circo Nacional. Aqueles que fazem parte de sua roda estão todos muito bem. Foi o que aprendi.

Um recebia o dinheiro, era o tesoureiro, o contador do circo. E fazia boa parte dos lucros desaparecer. Era o mágico. Essa era sua carta na manga. Se fazia desaparecer um coelho diante dos olhos do público, quanto mais uma vírgula e alguns zeros, às escondidas em um escritório...

Nossa vida mambembe prosseguia, eu cada vez mais inconformado. Mas ainda não havia compreendido algumas coisas, até que fui a um ensaio do domador de feras. Todos os outros animais já tinham se retirado do picadeiro, faltava apenas o número do leão. A jaula estava no centro do picadeiro, como sempre, sob o foco de um canhão de luz.

Então retornou o domador, Leônidas Máximo, que havia conduzido os outros bichos até seus respectivos cercados. E falou ao leão:

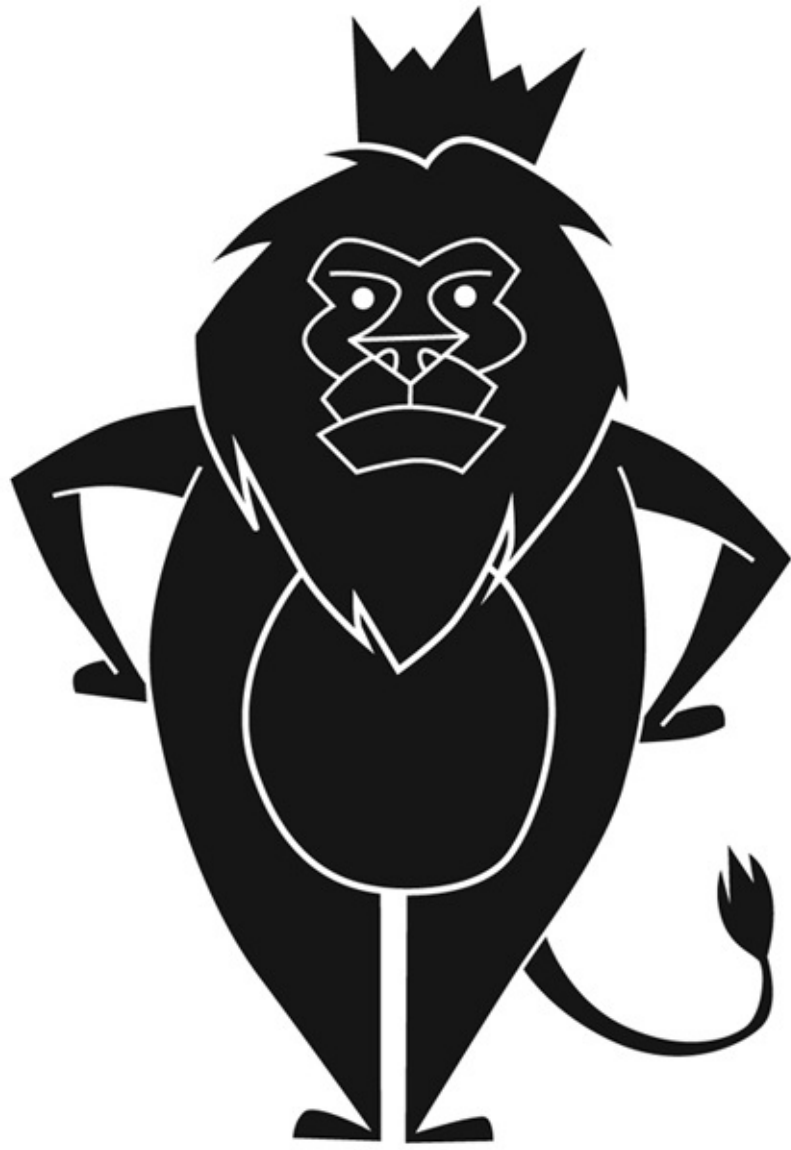
— Desculpe-me, chefe, mas o elefante está manhoso hoje e demorei a prender o pé dele no tronco.

— Se o elefante soubesse a força que tem, era o dono do circo — comentou o leão, repetindo um adágio popular.

Mas, vocês repararam? Eu disse que o leão respondeu. O leão! E como era sábio! Se o elefante soubesse a força que tem... Essa frase ficou pisando em minha cabeça dias e mais dias, como se fosse um paquiderme. Então eu me recordei que o senhor Lucrécio Goldwin havia me perguntado se eu tinha conversado com o leão. Considerei que aquilo fosse apenas uma força de expressão, modo de dizer. Mas agora eu era testemunha de que o patrão me dera um conselho pra valer.

De fato, eu estava testemunhando um acontecimento que era segredo de estado. Coisa feita por baixo da lona. A todo momento o domador olhava em volta enquanto fazia seus comentários com o leão. Por isso, fiquei ali, meio enrolado ao pano da cortina que separava os bastidores do picadeiro. E ouvi os dois trocando opiniões sobre lucros, investimentos e até futebol.

Mas só fui entender o que se passava quando o domador entrou na jaula e ajudou o leão a se erguer sobre as duas pernas traseiras. Um número trivial no circo. Porém, em seguida, o domador começou a puxar a cabeça do rei das selvas, até sair com ela nas mãos. Como eu era cego! Como não havia enxergado aquilo antes? Uma fantasia! O dono do Circo Nacional fazia o papel do leão!



No dia em que descobri por que o leão tinha tanta fome, também entendi por que a gente precisava apertar cada vez mais o cinto.

Voltei para falar com o senhor Lucrécio Goldwin. Tive que passar pelas mesmas portas, as secretárias, os seguranças. E pela cara feia do patrão. Dessa vez, a cordialidade ficou esquecida em uma das gavetas.

— Que foi, Risolito? Está chateado com a taxa sobre maquiagem? Com o licenciamento ambiental para uso de roupas com motivos florais?

— Existem essas coisas?

— Mas é claro! Risolito, você deveria ler as letras pequenas de seu contrato.

Fiquei parado diante da mesa dele.

— Alguém já me deu esse conselho. Olha, senhor Lucrécio Goldwin, eu vim dizer que sei de tudo.

— Tudo?

— É, o esquema.

— Esquema, palhaço?

— As contas do Circo Nacional não estão no vermelho. Com tanta gente assistindo aos espetáculos, na verdade as contas estão bem azuis, celestiais até! Só que o mágico, que cuida do caixa e dos livros contábeis, faz desaparecer um zero aqui, muda uma vírgula ali... E eu vi com estes dois olhões de palhaço: o leão que devora a maior parte é o senhor mesmo. Por isso o chefe da segurança, que deveria domar as feras, na verdade é domado pelo leão.

Senti que esse foi meu pior número no Circo Nacional. O sujeito me olhava com cara de quem não havia gostado da piada. Um leve tremor na pálpebra esquerda. Depois a voz rouca e firme:

— Não existe es-que-ma. Existe sistema. Sis-te-ma. É assim que é. E você não sabe tudo. Você acha que sabe de alguma coisa. Está precisando de um aumento? Tudo bem: leva mais três por cento, mas com os descontos de praxe.

Finquei as mãos na cintura.

— Isso lá é aumento? E não estou aqui para ser tratado como um palhaço.

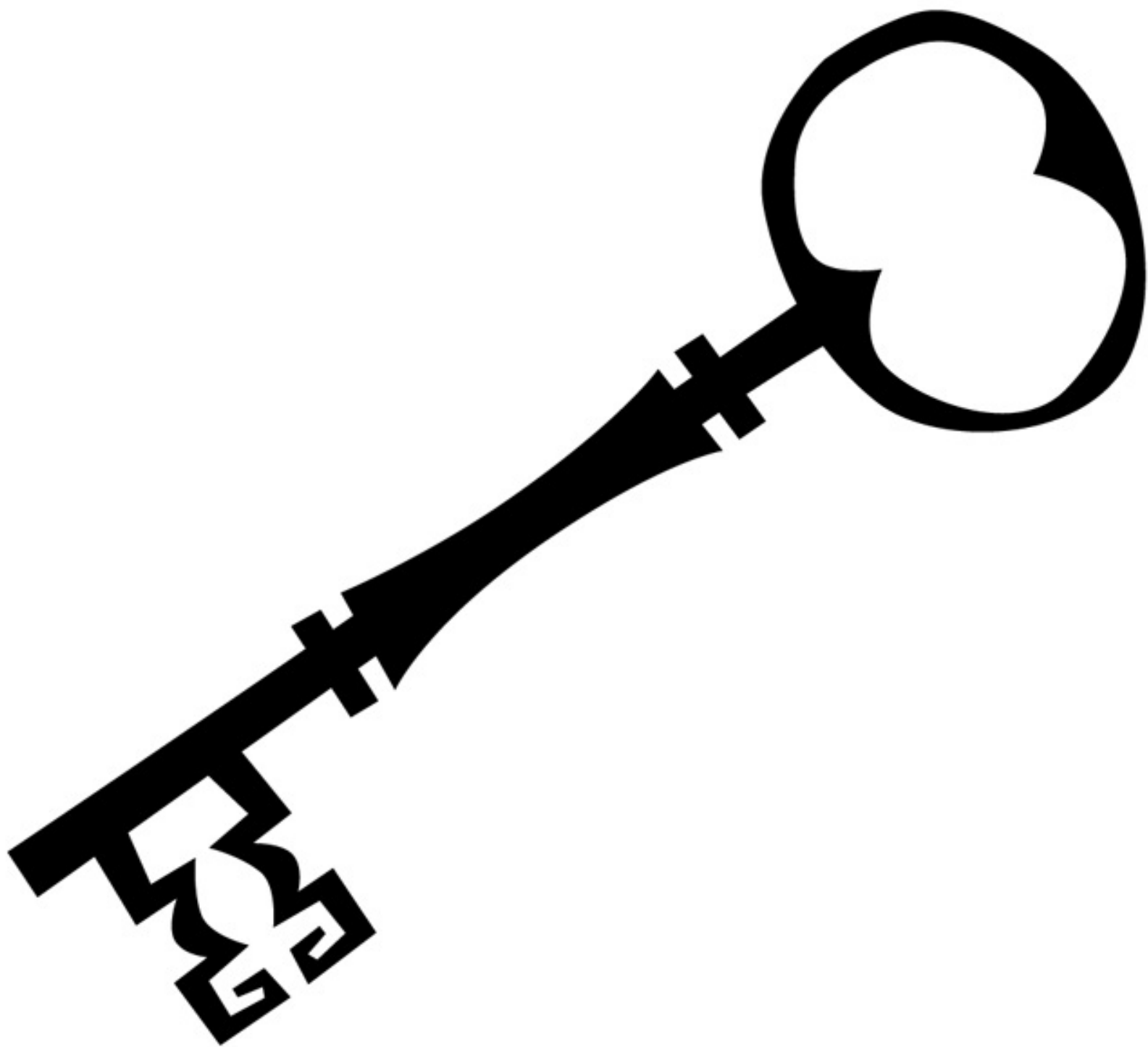
— Bom, então vou levar seu caso até um juiz neutro, que vai avaliar o caso — disse o senhor Lucrécio Goldwin, batendo a mão sobre a mesa.

— Um juiz neutro? — perguntei, já desconfiado de uma nova surpresa reservada pelo tal sistema do Circo Nacional.

— Sim, como você deveria saber, o atirador de facas é nosso juiz.

Minhas pernas vacilaram quando imaginei minha mulher diante daquele juiz neutro, com facas na mão, julgando a minha ousadia. Saí dali com um nó na garganta que não cabia no meu colarinho, por mais largo que fosse.

Naquela noite, meu travesseiro me disse: “só tem uma saída, Sonolito.”



15

— E esta é minha história. Tirei a maquiagem de palhaço do Circo Nacional e estou em greve — finalizou José Hilário.

A essa altura, já não era apenas a TV Realidade que estava ali, diante do triste homem acorrentado, mas todas as outras emissoras de televisão, as rádios, blogueiros, fotógrafos de jornais, fotógrafos amadores, fofoqueiros. E aqueles que não perdem uma boa oportunidade de negócios, com suas bancas de churrasquinho, carrinhos de churros, tendas de bijuterias. Estava armado um circo.

— Quem tem a chave do cadeado? — perguntou o repórter.

— Bígina — respondeu o homem triste.

— Sua mulher.

— Sim. Ela está no meio dessa gente. Também tirou a fantasia de La Konga.

— E o que o senhor quer com esta atitude?

— Quero ser motivo de felicidade, não motivo de risos. O Circo Nacional não pode ser um sistema tão desigual. O espetáculo é uma obra coletiva. Distribuimos gargalhadas, emoções de todos os tipos, todos saem encantados. Mas a renda da bilheteria não é repartida de forma justa.

— Então o senhor está fazendo greve porque quer uma distribuição justa da bilheteria do Circo Nacional?

— Sou contra os impostos, as taxas. Essa lista de descontos é um show de horrores! — respondeu, fazendo cara de fome, misturada a algumas rugas de impaciência.

Nisso corre entre a multidão a notícia de que o dono do circo havia divulgado um anúncio pela imprensa para a contratação de um novo palhaço para o Circo Nacional!

★ OPORTUNIDADE DE ★

EMPREGO:

contrata-se palhaço para carreira promissora.
Remuneração compatível com as gargalhadas
proporcionadas. Possibilidade de bicos
em outros setores do

★ **CIRCO NACIONAL.** ★

O senhor Lucrécio Goldwin deu sorridentes explicações sobre suas decisões. Mostrou como a vida no Circo Nacional continuava sensacional: o contorcionista contorcia-se, o equilibrista equilibrava-se, o malabarista malabarizava, o engolidor de fogo flamejava, os trapezistas trapeziolavam, o ilusionista iludia a todos, o atirador de facas alvejava, o domador de feras feripacificava.

— O show deve continuar! — gritou ele aos microfones, gravadores e ouvidos próximos, com sua linda gravata-borboleta, terno bem cortado e cartola preta sobre a cachola.

E o homem triste amarrado às grades do Fórum da Justiça ficou até o apagar das luzes apenas acompanhado da mulher. A cidade queria descansar.



Enquanto chegava a noite e o vulto das pessoas diluía-se na penumbra da distância, José Hilário, ainda amarrado às grades do Fórum da Justiça, chamou Bígina para que ficasse junto dele. A mulher do palhaço permanecera calada o dia todo, assustada com a movimentação em torno do marido acorrentado, arredia à imprensa.

— Posso falar? — perguntou ela, sentada aos pés de José Hilário.

Ele não respondeu. Apenas se mexeu, e as correntes roçaram barulhentas nas grades em que estavam enroladas. Bígina recebeu o barulho como uma permissão.

— Tenho que ir para casa, um pouco só. Os meninos precisam comer alguma coisa. Volto logo.

— Pode ir — disse ele.

— Você não vem?

A pergunta o incomodou. Foi como uma criança correndo por uma praça, espantando pombos, sentimentos que gorjeavam no peito de José Hilário.

— Você volta. Aí, conversamos.

— Não há mais ninguém aqui. — Ela insistiu.

— Estou vendo, Bígina. Mas eu estou.

— Você é teimoso — disse ela, afastando-se silenciosa.

Cruzou a rua, desceu em direção a uma avenida, onde esperaria o ônibus para casa.

— Mas eu estou — repetiu para si mesmo o palhaço.

Não adiantou. Sua voz não foi suficiente para espantar a solidão que chegou acompanhada de vários sentimentos que, como pombos, pousaram na cabeça e nos ombros do palhaço acorrentado.

— E agora, José Hilário? — Sua incerteza o questionou, como se fosse um poeta.

— Nem tudo acabou. Eu estou aqui.

— Ninguém mais está. Ninguém se compadece da sua dor. Quem está olhando para você agora? Está vendo ao longe as janelas iluminadas? Lá estão as pessoas. Cada qual com sua própria vida.

— Todos ouviram falar do que fiz.

— Talvez. Mas agora se divertem com outras histórias emocionantes, nas novelas, nos seriados.

— O noticiário vai falar de mim — teimou o palhaço.

— Sabe como é essa gente. Notícia é diversão. Todos querem novidade.

José Hilário sacode a melancolia, espanta também dos ombros o arrependimento, a angústia, a ansiedade. Faz barulho na grade.

Mas a cidade não olha para o seu lado.

— José Hilário, de nada adiantou tanto barulho, algazarra. De nada valeram suas palavras. Você já matou a curiosidade do povo. E, ao que parece, nenhuma compaixão foi conquistada. Você está só, palhaço.





Aquele pensamento causou grande apreensão a José Hilário. Estava isolado no meio da noite e abandonado em pensamentos que o deixavam ainda mais inseguro quanto ao que havia feito. O sol, a agitação durante o dia todo, o falatório, a tensão, a expectativa e, agora, o silêncio. Veio o cansaço e colocou chumbo nas pálpebras do homem triste. E ele caiu em um sono de picadeiro, cochilos curtos em que, um a um, seus sentimentos se apresentavam e se retiravam.

No primeiro cochilo, foi surpreendido pela visita de Chulipa, que voltava com sua malinha rota. José Hilário sorriu quando reconheceu o velho amigo recortado contra a luz do poste.

— É você, Chulipa?

— Sou eu, palhaço.

— Não sou mais palhaço. Estava em greve e fui demitido.

— Agora sim, você é um palhaço no outro sentido — respondeu Chulipa com voz amarga, chegando-se ao homem acorrentado às grades do Fórum da Justiça.

De perto, José Hilário notou que o velho amigo estava usando maquiagem.

— Você não tinha se aposentado?

— Levava a minha vidinha tranquila, com minha mulher, meu cachorro sem raça, uma horta de verduras, um jardim acanhado. Quietos num só lugar. Mas por causa dessa palhaçada que você aprontou, fui convocado.

— Como assim, convocado?

Tambores rufaram não se sabe onde. Chulipa parou diante do homem acorrentado, numa ridícula posição de sentido, imitando um soldado.

— O dever! — disse ele em voz alta.

José Hilário baixou a cabeça. Suspirou.

— Eu ensinei a você, Risolito, que o dever do palhaço é fazer o mundo todo rir. Distribuir sorrisos com uma piada, distribuir gargalhadas com uma cambalhota desengonçada! Mas você, o que fez?

— Eu não fiz nada de mau. Só queria justiça: pagar menos impostos, receber o suficiente para cuidar da minha família... — justificou-se José Hilário, ainda de cabeça baixa.

O outro pegou de volta a mala. Afastou-se um pouco, descendo a rua, até anunciar:

— Você não soube reconhecer seu lugar no Circo Nacional. Fui convocado para substituí-lo.

José Hilário ergueu a cabeça. Chulipa estava parado no meio da rua olhando para ele.

— Você era meu amigo! Você também é palhaço. Como pode?

O outro não lhe deu ouvidos. Continuou caminhando e de longe gritou que “o show deve continuar”, repetindo a fala do senhor Lucrécio Goldwin.

Então, um dos macacos de Darwin apareceu sobre a grade e ficou mexendo na corrente que prendia José Hilário. E do meio das sombras apareceu o amestrador com ar debochado. Andou diante do ex-palhaço de um lado para outro.

— Quanta evolução!

— Do que você está falando? — perguntou José Hilário.

— Você fazia o circo todo rir, agora faz todo mundo chorar. Era um homem manso e livre.

Agora, está amarrado, como uma fera inconformada.

O macaco desceu da grade, correu e se enganchou na cintura de Darwin.

— Vim apenas ver com meus próprios olhos, pois era difícil de acreditar... Como você foi capaz?

— Ora, você veio aqui só para me irritar? Do que está falando?

Darwin se aproximou. Ele e o macaco encararam José Hilário.

— Será que não enxerga? Você tinha uma família, um emprego, um lar. Mas, não, isso não bastava! Você queria ser outra coisa. Muito além do que estava a seu alcance. Jogou tudo fora para se prender a uma grade.

José Hilário deixa a cabeça pender, pesada.

— Mas, Darwin, como é que alguém pode evoluir na vida acorrentado ao conformismo?

— Um palhaço é um palhaço — respondeu o outro, desaparecendo aos poucos.

— Isso! Some. Estou muito cansado.

Um ônibus passou diante do Fórum da Justiça assustando o homem acorrentado. Ele ergueu a cabeça e acompanhou com os olhos o trajeto do veículo que àquela hora transportava poucos passageiros em direção ao bairro. Em breve, o silêncio voltou, e o movimento circular dos insetos em torno da lâmpada do poste hipnotizaram José Hilário, que foi deitando sua cabeça novamente nos ombros do sono.

Ele voltou a sonhar com sua angustiante situação. Ouviu o prefixo musical que anunciava a entrada do Homem-Polvo, Malaquias. O ex-palhaço viu surgir à direita o amigo, que vinha jogando várias coisas para o ar.

— De onde você está vindo? — perguntou.

Sem deixar cair nada, olhos girando com os objetos que atirava para cima, Malaquias respondeu:

— Acabei de descer do ônibus, no ponto adiante. Você deve saber que sua atitude prejudicou a todos no Circo Nacional.

José Hilário mexeu-se nas correntes. Ia dizer que sua greve não era para prejudicar ninguém, mas continuou calado.

— Agora, tenho que fazer bico em um supermercado. Tudo para equilibrar meu orçamento, depois que o senhor Lucrécio Goldwin baixou uma nova taxa, por sua causa.

— Mas, que taxa?

— Taxa de Prevenção de Greve. Quando um falta, todos são descontados, para cobrir o pagamento de um substituto.

— Já sei — disse José Hilário, pendendo a cabeça para baixo, sentido com o que ouvira. — Chulipa foi para o meu lugar.

Quando ergueu a cabeça, Malaquias tinha sumido, e quem entrava em cena era o Homem-Goma-de-Mascar, Edmar Apior.

— E você, que má notícia traz para me fazer sentir ainda pior do que estou? — perguntou José Hilário.

— Sabe o que é, Grevito...

— Meu nome é Ri-so-li-to! Ah, deixe pra lá, nem palhaço eu sou mais... O que foi? — perguntou.

— Já que vocês vão ser despejados, eu queria saber se poderia ficar com o trailer que você herdou do Chulipa.

— Que história de despejo é essa? A Bígina e meus filhos estão lá. Quem está em greve sou eu. Eu fui demitido, ela é do Circo Nacional, La Konga, está lembrado?

O contorcionista sentou-se no passeio à frente do homem acorrentado.

— Você não conhece o senhor Lucrécio Goldwin. Não vai querer um grevista demitido morando em um trailer do circo. Não tem cabimento. A não ser que você e La Konga estejam pensando em se separar...

José Hilário ficou possesso. Sacudiu as correntes contra o ferro das grades, fazendo barulho de aquietar cachorros. Os latidos se multiplicaram pela vizinhança.

— Engraçado, seu Hilário. Você provoca toda a confusão e não quer aceitar as consequências? É o sistema. Devia ter pensado na sua mulher, na família... na casa que você vai perder. Está achando que vai morar aqui, acorrentado nas grades que cercam o Fórum da Justiça, para o resto da vida?

O ex-palhaço estava atormentado por aquele medo que se contorceu, entrou pelo seu ouvido e foi se alojar em seu coração angustiado.

— Então, minha mulher e meus filhos vão ser mesmo despejados? — perguntou, olhando para onde deveria estar o Homem-Goma-de-Mascar.

Não havia mais ninguém lá. No entanto, o silêncio da noite foi interrompido pela música da parada do Circo Nacional. Sim, José Hilário tinha certeza de que todo o elenco vinha desfilando, subindo a rua.

Com grande estardalhaço eles chegaram, tendo à frente o senhor Lucrécio Goldwin, que anunciava ao megafone a primeira apresentação do Circo Nacional renovado. Fez questão de berrar isso aos ouvidos do ex-palhaço acorrentado.

— Circo Nacional! Apresentando o retorno do inigualável palhaço Chulipa e a estreia da Mulher-Girafa! — E, deixando o megafone do lado, cochichou ao ouvido do outro: — Ninguém quer mais saber de Mulher-Gorila. Você quis caminhar sobre a corda bamba, deu um salto mortal sem a rede de proteção... e você não era um equilibrista, nem um trapezista. Era só um palhaço. Agora é um ex-palhaço.

O equilibrista Caio Calado saiu da formação e veio até José Hilário. Repetiu com ar paternal seus conselhos sobre a necessidade de se manter o equilíbrio.

— Yin e Yang, está lembrado?

— Onde está o equilíbrio deste esquema do Circo Nacional? Enquanto um come, o outro fecha a boca. Enquanto um prospera, outro vai afundando em dívidas! — gritou de volta, mas na sua frente não estava mais o equilibrista.

— José Hilário? Está me reconhecendo?

A figura à sua frente era muito esquisita. O ex-palhaço fixou bem os olhos. Um ser humano dos pés até a cintura. Usava sapatilhas douradas e calça listrada colada ao corpo. Da cintura para cima parecia um lagarto, mas estava chamuscado e retorcido. Os bracinhos curtos tinham movimentos nervosos.

— Não... quem é você?

— Sou o Flamínio Tostado, o Homem-Dragão.

— Está irreconhecível.

— Claro! Você queimou meu filme! Você queimou meu filme — repetia, enquanto se afastava para alcançar a parada circense.

— Mas eu não fiz nada! — Eu tentava argumentar com o monstro revoltado.

— O senhor Lucrécio Goldwin acredita que eu estou do seu lado. Aí, cobrou todos os atrasados. Fiquei sem dinheiro para comprar extintores. Sabe o que isso significa para um Homem-Dragão? Você queimou meu filme!

O desfile sumiu na noite. E o homem acorrentado acordou assustado.

— Minha vida se transformou num pesadelo.

Tarde da noite, Bígina chegou de mototáxi. José Hilário só a reconheceu depois que tirou o capacete, pagou a corrida e veio até ele, com uma garrafa de água enfiada em uma sacola de plástico.

— Só pude vir depois de colocar as crianças para dormir. Bárbara ficou lá, para tomar conta.

— Eles estão bem?

— Perguntaram quando é que você vai voltar.

Ela abriu a garrafa e colocou-a na boca de José Hilário. Ele sorveu em goles sôfregos.

— Nossa, pensei que você não ia chegar nunca — disse, fartando-se.

Ela enfiou as mãos nos bolsos da blusa e o fixou, calada.

— Que foi? — perguntou ele.

Bígina veio e abraçou o homem acorrentado.

— Estou aqui para apoiar você.

José Hilário sentiu um nó na garganta. Beijou a testa de Bígina. Ela permaneceu agarrada ao marido.

— Sonhei com Chulipa. Ele voltou para ficar no meu lugar. Foi um pesadelo. Todos do Circo Nacional aborrecidos comigo. Agora fico pensando se o que eu fiz não foi uma traição a meus amigos. Fui tão bem recebido no Circo Nacional, quando ainda era criança. Posso ter prejudicado o senhor Lucrecio Goldwin, expondo nossos problemas a todo o mundo.

— Você não mentiu. E, pra falar a verdade, no acampamento do circo ninguém tocou no assunto. Confesso que no ensaio fiquei preocupada com o atirador de facas... — comentou Bígina, fazendo piada sobre sua posição de alvo.

— Estou muito preocupado, Bígina. De verdade. Acho que deixei meus amigos em má situação. Abandonei meu papel no circo. Fico pensando se não decepcionei todas as crianças, todas as pessoas... Elas me imaginavam sempre alegre, brincalhão. Veja que triste personagem me tornei. Acho que fui um fraco. Agora, temo pelo futuro de nossos filhos.

A mulher afastou-se um passo, segurou com doçura o rosto do marido, que chorava lágrimas amargas.

— Você lutou por aquilo em que acredita. Isso é ser forte. E fez isso pelo futuro de nossas crianças. A sua mensagem foi dada.

— Mas alguém ouviu? No meu pesadelo, os fantasmas debocharam do que fiz. Disseram que foi tudo em vão.

— Fez a sua parte. Eu ouvi você gritar, nossos filhos testemunharam sua coragem, e, por isso, estamos orgulhosos de você. Aprendi com você hoje: não são as vitórias que nos tornam dignos, mas as causas por que lutamos.

O homem desentristeceu-se, confortado.

— Estou cansado, Bígina.

Ela enfiou a mão no bolso da blusa. Pegou a chave do cadeado e, sem perguntar nada a ele, libertou-o da grade. Recolheu a corrente e o cadeado na sacola plástica, abraçou novamente o marido.

— Hora de ir para casa, José Hilário.



Era a primeira apresentação do Circo Nacional desde o falatório da véspera. Talvez por isso, movido pela curiosidade ou por algum sentimento mascarado e irreconhecível, o povo formou uma longa fila diante da bilheteria e aglomerou-se diante do circo, aguardando a abertura dos portões. O movimento de fora aumentava a expectativa nos bastidores. Nenhum candidato havia se apresentado para a vaga de Risolito. Como o respeitável público reagiria a um espetáculo sem o palhaço?

Rufar de tambores e clarins. Luzes apagadas nas arquibancadas e cadeiras, todas lotadas. Uma música alta, prefixo do espetáculo, enche a lona. Entra o desfile dos artistas com os animais amestrados. Circulam pelo picadeiro duas vezes até que rompe a cortina o dono do circo, senhor Lucrécio Goldwin, com um sorriso profissional. Faz suas saudações costumeiras. Mas ele e o elenco são surpreendidos pelo comportamento inesperado: nem crianças nem adultos gritam de satisfação quando a abertura do espetáculo é anunciada.

Vinheta musical, luzes sobre o Homem-Goma-de-Mascar, o contorcionista capaz de se enfiar em uma caixa de correio. E, apesar do desempenho extraordinário, não se ouviu da plateia um sussurro, que dirá um urra!

E, enquanto retiram do picadeiro o coitado dobrado em um varal, entra sob a luz principal o Homem-Polvo, o malabarista, jogando de tudo para o ar. Bolinhas coloridas, malabares, banquetas, calculadoras, aparelho celular, berinjelas e sombrinhas de frevo. Era tal sua capacidade de controle naquele jogo que, num certo momento, até mesmo a bela ajudante ele havia atirado para cima, e no ar ela girava com muita leveza.

Mas, das arquibancadas, nem um suspiro, quanto mais uma salva de palmas. E esse comportamento de gelo fazia o coração daqueles que aguardavam sua hora de pisar o picadeiro saltar do trapézio da aflição.

Nem mesmo o Homem-Dragão conseguiu aquecer o ânimo daquela gente. De nada valeu assoprar labaredas até arrebentar pipocas em uma panela. Nenhuma palma estalou nas arquibancadas.

E com a mesma indiferença foram recebidos pela assistência os Bailarinos Alados. Piruetas no ar não emocionaram. Passagens espetaculares de um trapézio ao outro nem bocejos mereceram. Um balé no ar? Sem resultado. Por falta de aplausos, caiu na serragem do picadeiro o ânimo dos trapezistas, que se retiraram cabisbaixos.

Cada artista que entrava era só mais um fiasco que se enfiava pela goela do senhor Lucrécio Goldwin, como uma espada de fel. Até o elefante, após dançar o Quebra-Nozes, com um desempenho que faria Mikhail Barishnikov pedir bis, quase se afogou no silêncio profundo da plateia. O paquiderme enfiou a tromba entre as pernas, retirando-se com seu treinador num *pas de deux* encabulado.

Enquanto isso, José Hilário e Bígina juntaram as trouxas, pegaram os filhos pelas mãos e se despediram do trailer onde moraram por tantos anos. Queriam, pela última vez, assistir à

apresentação dos companheiros e, por isso, foram juntos até a entrada do Circo Nacional. Ficaram ali, entre os conjuntos de arquibancadas, suas silhuetas desenhadas pela luz intensa do dia. À frente, luzes coloridas no palco. Plateia no escuro. O ex-palhaço e sua família estão paralisados por um silêncio inexplicável.

Então, no último quadro, uma reação deixa evidente que nas arquibancadas, apesar da alegria ausente, havia crianças, jovens e adultos que, uníssonos, produziram uma vaia gigantesca, que fez tremer o mastro central e vazou através dos buracos da lona. Era uma reação esperada, pois todos ali já sabiam que o leão era uma fraude bem-arranjada. Que perigo havia em enfiar a cabeça na boca de um leão falsificado? Desmascarado, o felino de araque foi retirado do picadeiro sem dar um tímido miado, quanto mais um urro selvagem.

Para encobrir o fiasco, imediatamente a banda começa a música bem animada, para o retorno da parada patética dos artistas. Entram de olhos no chão, como se a própria alegria tivesse caído da corda bamba e se esborrachado no picadeiro. Formam ali a roda ensaiada para a entrada do senhor Lucrécio Goldwin, dono do Circo Nacional, para o agradecimento final.

Mas, antes que abra a boca o sujeito, eis que as luzes se acendem em todos os pontos do Circo Nacional. Seu interior está iluminado por inteiro. O público não é mais um amontoado de vultos disformes. E o surpreso senhor Lucrécio Goldwin pode ver, enfim, a cara de quem pelo espetáculo havia comprado ingresso.

Ocorre que na penumbra, longe do picadeiro iluminado, o povo enfim se revela. Um espetáculo comovente, como seria divulgado por toda a imprensa mais tarde. Nas arquibancadas e nas cadeiras, são milhares de palhaços que estão sentados! Milhares de compadecidos palhaços que dão vivas ao cidadão José Hilário

FIM



Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

O palhaço está em greve

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/419822ED476822-o-palhaco-esta-em-greve>

Wikipedia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Marco_T%C3%BAlio_Costa

Biografia do autor

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=161

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

Colofão

Saiba mais

MARCO TÚLIO COSTA



O PALHAÇO ESTÁ EM GREVE

